



Sessão de Saúde Coletiva e Biologia I
Dia 07/11/14 – 08h30 às 11h10
Unila-PTI – Bloco 03 – Espaço Mercosul – Sala 06

RELAÇÕES ENTRE HUMANOS E MACACOS-PREGO (*SAPAJUS* SP.) EM UM FRAGMENTO URBANO EM FOZ DO IGUAÇU, SUL DO BRASIL: UMA ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR

Adriane Suzin

Estudante do curso de graduação em Ciências Biológicas: Ecologia e Biodiversidade
Bolsista PIBIC-FA
adriane.suzin@unila.edu.br

Janaina Paula Back

Estudante do curso de graduação em Ciências Biológicas: Ecologia e Biodiversidade
Bolsista PIBIC-FA
janaina.back@unila.edu.br

Andrea Ciacchi

Professor Adjunto
Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História
Coorientador
andrea.ciacchi@unila.edu.br

Lucas M. Aguiar

Professor Adjunto
Instituto Latino-Americano de Ciências da Vida e da Natureza
Orientador
lucas.aguiar@unila.edu.br

Resumo: O aumento populacional e a fragmentação de florestas têm acentuado as interações entre homem e animais, e o estudo interdisciplinar dessas relações torna-se essencial para a conservação. O objetivo foi estudar sob duas abordagens (entrevistas e acompanhamento de macacos-prego, *Sapajus* sp.) a percepção de moradores do entorno de um bosque urbano (25°28'56.1''S; 54°33'55.9''O) em Foz do Iguaçu e suas interações com os macacos. Através de amostragem por conglomerados, aplicou-se um formulário semiestruturado a 61 pessoas. Para o estudo das interações (julho/2012 a junho/2013) e da dieta dos macacos (janeiro/2012 a junho/2013) utilizou-se o método de todas as ocorrências e o de varreduras instantâneas, respectivamente, e acompanhou-se os animais durante três dias mensais, das 07:00h às 17:00h. A maioria dos entrevistados conhece o bosque (89%) e o considera importante (85%); utiliza-o (62%) principalmente para lazer (67%) e para alimentar ou ver os macacos (39%). Grande parte gosta dos macacos (84%), aponta a insuficiência de recursos na mata (85%) e afirma já ter os alimentado (53%). A maioria deseja a permanência dos animais (73%) e afirma que pessoas de outros locais os visitam (43%); há uma percepção positiva quanto à visitação (95%). Houve uma relação significativa entre aqueles que residem no bairro dizerem que frequentam o bosque moderadamente e que não conseguem diferenciar o sexo dos macacos. Houve também relação entre dizer que a floresta está suja e dizer que ela não está conservada. Houve uma tendência dos mais velhos dizerem que não sabem reconhecer os macacos individualmente. Contudo, percebe-se uma tendência dos jovens responderem que já forneceram alimentos aos macacos e que acham isso correto. As interações (n=138) foram iniciadas principalmente pelas pessoas (97,7%) e a distância mínima variou de zero a oito metros (média=1,73±2,1m). Ocorreram sobretudo no interior do bosque (60,6%), com

duração de um a 43min (média=10±14,5min). Observou-se durante as interações uma média de 3,1±2,5 pessoas/evento e 3,1±2 macacos/evento. O número de interações não diferiu entre o fim e durante a semana, tampouco entre a manhã e a tarde; contudo, foram significativamente mais frequentes no outono do que no verão. A maioria das interações (n=127; excetuando-se com agentes municipais) envolveu comportamentos afiliativos (92,9%) e em menor quantidade, agonísticos (8,7%). Quanto à dieta (n=1477), os animais consumiram significativamente mais itens de origem antrópica (70,7%), sobretudo os fornecidos pelos visitantes (61,9%). Os alimentos disponíveis na mata foram consumidos em menor quantidade (29,3%). O consumo de itens de origem antrópica e da mata não variou significativamente entre as estações. Percebe-se uma relação positiva entre os humanos e os macacos, onde os primeiros valorizam a natureza e os últimos tiveram nos humanos a base de sua dieta, sugerindo uma relação para além da comensal. Agradecemos ao PIBIC-FA e ao Michel V. Garey.

Palavras-chave: comensalismo, conservação, etnoprimateologia, populações selvagens urbanas, protocooperação.